

REGISTRO DA MEMÓRIA SOCIAL DE UMA COMUNIDADE POPULAR URBANA

Maria Giovanna Guedes Farias (UFBA)
Isa Maria Freire (UFPB)

RESUMO

Apresenta resultado de pesquisa desenvolvida durante mestrado em Ciência da Informação com objetivo resgatar e preservar a memória social dos moradores da Comunidade Santa Clara (CSC), uma comunidade popular urbana localizada na cidade de João Pessoa. Na Santa Clara, a intervenção foi no sentido de dotar a Comunidade de registro dos conhecimentos adquiridos por pessoas relevantes para essa localidade, que armazenado em um sistema informatizado pode promover a divulgação dos saberes da CSC de forma inovadora, ao compor um acervo de memória coletiva mediado por profissional da informação. Nesse sentido, a inclusão dos conhecimentos da Comunidade no ciberespaço, bem como o empoderamento da competência intelectual para uso da tecnologia digital de comunicação da informação, pode propiciar a valorização da identidade cultural dos moradores da CSC e o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Memória. Comunidade. Inclusão digital. Blog. Regime de Informação.

ABSTRACT

Presents results of research carried out during Masters in Information Science in order to rescue and preserve the social memory of the residents the Community Santa Clara (CSC), a popular urban community located in the city of João Pessoa. In Santa Clara, the intervention was in order to provide a Community record of the knowledge acquired by people relevant to that location, which is stored in a computerized system can promote the dissemination of knowledge of CSC in an innovative way to compose a collection of collective memory mediated by information professionals. In this sense, the inclusion of the knowledge of the Community in cyberspace as well as the empowerment of intellectual competence of digital technology for use of information communication, facilitates the recovery of cultural identity of the inhabitants of the CSC and citizenship.

Keywords: Memory. Community. Digital inclusion. Blog. Regime of Information.

GT 7 - Informação, Memória e Patrimônio.

1 INTRODUÇÃO

Durante o II Encontro de Estudos Sobre Tecnologia, Ciência e Gestão da Informação (ENEGI) apresentamos comunicação científica com resultados parciais de pesquisa em desenvolvimento no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Este artigo traz os resultados obtidos por meio desta pesquisa aplicada na Comunidade Santa Clara (CSC), uma comunidade popular urbana constituída na cidade de João Pessoa, Paraíba, nas proximidades da UFPB. A escolha se deu por se tratar de uma comunidade excluída dos meios digitais de comunicação da informação tendo como objetivo resgatar e preservar a memória social dos moradores da CSC, que se encontra oculta na cabeça de cada morador mais antigo e mais experiente da Comunidade.

A palavra “comunidade” tem, nesta perspectiva, tanto o sentido de espaço político (pertencimento) quanto o de espaço emocional, acompanhando a visão de Bauman (2003) de que ela é detentora não somente de significado intelectual, mas também de sensações. Para o autor, a palavra “comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que carrega: “[...] nenhum agregado de seres humanos é sentido como ‘comunidade’ a menos que seja ‘bem tecido’ de biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação frequente e intensa” (BAUMAN, 2003, p. 48). Essas biografias de que trata o autor, são o *tesouro de conhecimentos* da CSC, os quais poderão unir ainda mais a Comunidade no verdadeiro sentido que a palavra se propõe.

Nesse contexto de identidade e comunidade, consideramos a informação como um instrumento capaz de modificar a consciência do indivíduo, do grupo, em que ele se encontra socialmente incluído e da própria sociedade (BARRETO, 1999). Segundo Guerreiro (2006), ao longo da história da humanidade o conhecimento é o que constitui o maior capital e favoreceu o acúmulo de riquezas, pois em civilizações passadas foi o grande responsável pela autossuficiência econômica e pela soberania territorial, possibilitando o progresso técnico, a divisão social do trabalho e

a globalização do mercado. Esse conhecimento de que fala o autor é representado pela informação e, dessa maneira, Guerreiro (2006) explica que conhecer implica saber como produzir e disseminar informações para solucionar problemas de ordem econômica e cotidiana na vida em sociedade.

Esses problemas mencionados por Guerreiro (2006) são, no caso da Santa Clara, o possível esquecimento das memórias dos moradores, o que é um processo natural do ser humano, por que, conforme Chesneaux (1996), os lugares na memória desaparecem, embora sejam sinais e marcos inscritos na duração da vida, os ancoradouros históricos fundamentadores da identidade social coletiva. Nas palavras do autor, “A modernidade faz esquecer o passado” (CHESNEAUX, 1996, p.36). Com nossa intervenção na Comunidade, registrando a história oral dos moradores, procuramos não deixar a modernidade esquecer o passado da CSC, mas, sim, reavê-lo através de narrativas transmutadas em informação pela ação da pesquisa.

Por isso, registramos o conhecimento local disseminando-o no ciberespaço, por meio de um *blog*, de modo a ficar disponível na memória virtual mundial para acesso livre de pessoas interessadas que tenham conexão à Internet. Como salienta Vieira (2005), a Internet vai muito além de ser apenas um espaço onde a informação circula sem fronteiras: ela se caracteriza como um ambiente essencialmente sociológico, agregador de ações interativas de pesquisa, educação, cultura, oferecendo a possibilidade de integração de redes sociais virtuais.

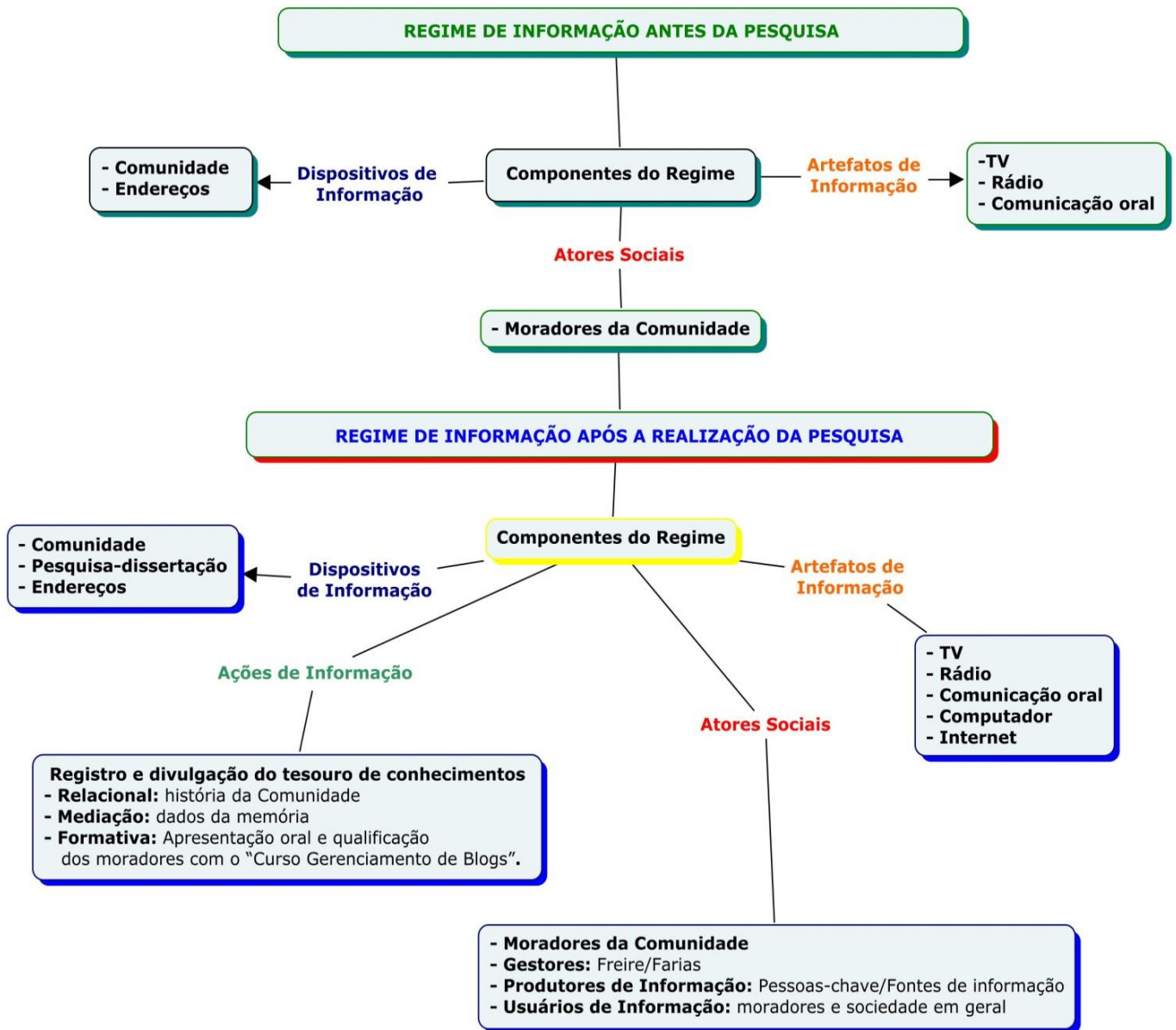
Esta pesquisa visou contribuir para a discussão, no campo da Ciência da Informação, sobre a relevância de se fazer um registro de conhecimentos de comunidades onde o saber popular é o traço mais marcante difundido entre os moradores. Ainda nesse contexto, abordamos os aspectos relacionados ao modo como se dá o registro de conhecimentos da CSC no ciberespaço, ademais que a informação digitalizada e veiculada pela Internet pode significar um modelo de produção e socialização do conhecimento em comunidades excluídas, neste momento histórico, do acesso às tecnologias digitais. Neste caso, não seria uma

adaptação ao mundo virtual, mas a busca por compartilhamento de informações, pela sobrevivência social e cultural do mundo real em sua relação com o virtual.

2 REGIME DE INFORMAÇÃO DA COMUNIDADE SANTA CLARA ANTES E APÓS A PESQUISA

Para entendermos como funcionava o fluxo de informação no âmbito da CSC, recorreremos ao “regime de informação” proposto por González de Gómez (1999), que em seu modelo original é composto por quatro componentes: dispositivos de informação, artefatos de informação, atores sociais e ações de informação. Ao adentrarmos no campo de pesquisa não encontramos o último componente do regime, ou seja, nenhuma ação de informação foi percebida. Após a realização da pesquisa, utilizando o método pesquisa-ação, o Regime de Informação da Comunidade Santa Clara adquiriu outros componentes e se fortaleceu ao possibilitar ações no âmbito relacional, de mediação e formativa. Este regime se torna cada vez mais forte, principalmente com a crescente conscientização dos moradores da CSC em relação à importância da informação para suas realidades.

Figura 1: Regime de Informação antes e após a pesquisa.



Fonte: Adaptado de GONZÁLEZ DE GÓMEZ (1999) e DELAIA (2009) a partir dos dados da pesquisa.

O regime de informação da CSC traz os quatro componentes sugeridos pelo modelo original de González de Gómez, onde os dispositivos de informação são: a pesquisa-dissertação, a Comunidade e os endereços da Santa Clara (mesmo não sendo reconhecidos pelos Correios) formam um conjunto de serviços de informação

com potencialidade de agentes de transferência de informação. Já os atores sociais são os moradores da CSC, os gestores (pesquisadora e orientadora), juntamente com os produtores de informação (fontes informacionais) e os usuários de informação (moradores e a sociedade em geral) que influenciaram diretamente no processo de inclusão da Comunidade na sociedade da informação.

Os artefatos de informação identificados antes e durante a coleta de dados, dos quais os moradores faziam uso para transmissão e recepção de dados foram: a televisão, o rádio, computador, Internet e a comunicação oral. Neste último artefato, a notícia é veiculada por meio de comunicação direta, face a face, e por meio do qual, a presidente da Associação de Moradores faz as informações chegarem de porta a porta, a exemplo do anúncio do programa do governo federal de troca de geladeiras velhas por novas. Ela esteve na casa de cada morador explicando como funciona este programa e o prazo para os moradores se inscreverem. As ações de informação identificadas nesse regime se focalizam no registro e na divulgação do *tesouro de conhecimentos* da CSC, o que há de mais valioso e pulsante na Comunidade.

As ações de informação estão divididas em três categorias: a relacional composta pela história da Comunidade, um fator de ligação entre os moradores mais antigos, que viram a Santa Clara nascer e um atrativo para os jovens interessados em saber da história do espaço onde eles cresceram. A ação de mediação se apoia nos dados da memória de cada morador, que ao expressar esses dados/informações podem transformar o mundo ao seu redor, mudar a realidade onde vivem. Observamos durante a pesquisa de campo, uma das fontes de informação narrando para alguns jovens a forma como os moradores viviam há alguns anos na Comunidade comparando com a realidade atual.

No caso da ação formativa, empreitada por nossa pesquisa, ela ocorreu na forma de apresentação oral de como a pesquisa se deu, da qualificação de três pessoas da Comunidade no “Curso Gerenciamento de *Blog*”, e do resultado do trabalho desenvolvido durante o mestrado. Exibimos para a CSC o sítio virtual e explicamos cada etapa realizada nesse processo.

No entanto, ao concluir e apresentar o “Blog da Comunidade Santa Clara” sentimos a necessidade de investigar mais a fundo os elementos no regime de informação predominante. A pesquisa nos mostrou que deveríamos incluir alguns elementos no regime. Após os primeiros contatos da pesquisadora com os moradores, o que antes estava desenhado para essa dissertação, mostrou-se insuficiente, sendo necessário a inclusão de novos artefatos e ações de informação. Com a criação do protótipo do sítio virtual mais dois artefatos foram introduzidos no regime após esta pesquisa: computador e Internet. Ao buscar, dentro da Santa Clara, por disseminadores da tecnologia de comunicação da informação utilizada para produção do sítio virtual, descobrimos que alguns moradores haviam adquirido esses dois artefatos, não ficando mais o acesso à rede virtual restrito às *lanhouses* localizadas fora da CSC. Além disso, com a produção do “Blog da Comunidade Santa Clara”, mais uma ação de informação passou a fazer parte do regime: a qualificação proporcionada a três moradores, dispostos a disseminar e socializar os conhecimentos adquiridos no “Curso Gerenciamento de *Blogs*” com outros moradores. Eles se tornaram os disseminadores informacionais da CSC e ajudam a construir a identidade social da Comunidade. Dentro do regime de informação da Santa Clara esta ação de informação se caracterizou como formativa.

3 MAPA DA PESQUISA

A natureza deste estudo se caracteriza como pesquisa aplicada por visar, através de teorias, a solução de problemas específicos, ao apontar possíveis caminhos. Este estudo se aplica ao incluir, na sociedade da informação, uma comunidade popular urbana por meio da aplicação de um artefato digital da web 2.0 para dar visibilidade a Comunidade Santa Clara. É também um estudo que se articula com abordagem qualitativa, pois conforme Denzin e Lincoln (2006, p. 17),

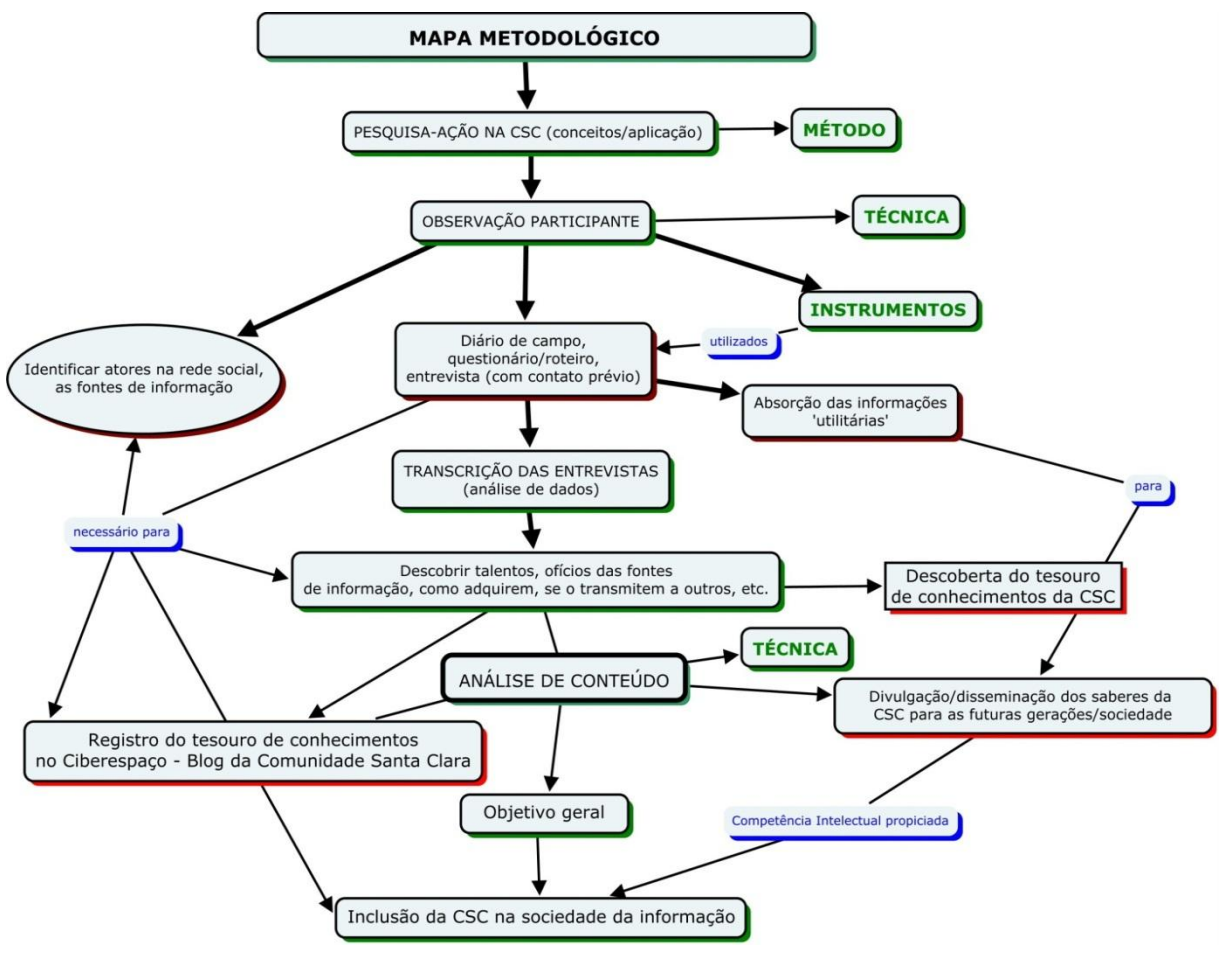
[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de interpretações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as

conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

O conjunto de práticas de que tratam os autores é, neste estudo, composto por diferentes métodos e técnicas, a exemplo da pesquisa-ação e da observação participante, utilizados para organizar, registrar e disseminar o *tesouro de conhecimentos* da Comunidade Santa Clara no ciberespaço e analisar o ambiente informacional após a divulgação do sítio virtual da CSC.

Para guiar a pesquisadora dentro da Comunidade Santa Clara foi criado um mapa conceitual denominado de “Mapa Metodológico”. Este mapa propicia a visualização do percurso trilhado e demonstra as sequências e as ligações entre as diferentes fases do estudo. Podemos observar o cotidiano das fontes de informação (sujeitos da pesquisa), registrar as atividades destes no diário de campo, realizar entrevistas, enfim, percorrer os caminhos necessários até chegarmos a produção do sítio virtual, uma ação que visava a convergência de todas as ações na inclusão da CSC na sociedade da informação.

Figura 2: Mapa metodológico da CSC



Fonte: FREIRE, FARIAS (2010)

A metodologia utilizada visou ser coerente com a teoria e ação, com a possibilidade de registrar o conhecimento dos moradores da CSC no que diz respeito a seus ofícios e talentos, e ainda investigar como esses conhecimentos são transmitidos dentro e fora da Comunidade. A pesquisa-ação se justifica, pois permite a aproximação da pesquisadora no campo empírico. Além disso, com base nas reflexões de Lima (2007, p. 63) entendemos que a pesquisa-ação aplicada à pesquisa em Ciência da Informação forma uma combinação interessante, principalmente para este estudo, pois proporciona: “de um lado, resultados práticos alcançados pela resolução inovadora de um problema, e, do outro, a contribuição

para a ciência em termos de resultados de pesquisa que já foram aplicados e testados no mundo real”.

Para este estudo, a investigação se deu com auxílio da observação participante no campo da pesquisa, onde foi utilizado diário de campo quando as fontes de informação foram acompanhadas no desempenho de suas atividades dentro da Comunidade. Buscamos com a observação, acompanhar a realidade desses sujeitos dentro do regime de informação da Santa Clara, e identificamos quais as tecnologias de informação utilizadas dentro do campo de pesquisa. Com os dados coletados realizamos a transcrição e inserção no sítio virtual e analisamos o ambiente informacional da Comunidade após a publicação do sítio virtual com o *tesouro de conhecimentos* da CSC. Dessa forma, completamos o ciclo básico da investigação-ação.

4 AGINDO SOBRE O CAMPO DE PESQUISA

A transcrição das entrevistas se deu de forma a manter a originalidade de cada fala, dos momentos de pausa e reflexão da fonte de informação. Ocorreu logo após cada dia da coleta, pois os gestos, as pausas, as expressões faciais ainda estavam vivas na memória da pesquisadora. Ao escutar as entrevistas, os momentos não graváveis no MP4, surgem para “[reavivar] a recordação do estado de espírito que então detectou em seu interlocutor, [] dão a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam.” (QUEIROZ, 1991, p. 87).

O material obtido durante a coleta foi identificado com os nomes das fontes de informação. As informações coletadas foram organizadas baseadas na técnica de análise de conteúdo, onde criamos categorias de respostas produzidas conforme as categorias do roteiro, a fim de facilitar o trabalho durante a análise dos dados. Entretanto, antes da organização em categorias, o material coletado teve outra função: a de fornecer subsídio para a construção do sítio virtual, o “Blog da Comunidade Santa Clara” <comunidadesantaclara.wordpress.com>. Os textos, as

fotos e os vídeos foram escolhidos de acordo com a intencionalidade do *blog*, de disseminar o *tesouro de conhecimentos* da CSC.

Figura 3 - Sítio virtual - Blog da Comunidade Santa Clara.



Fonte - <http://comunidadesantaclara.wordpress.com/> (2012).

De posse dos dados organizados surge o momento da análise do material coletado a partir das conversas com as fontes de informação. Analisar na visão de Queiroz (1991, p. 05) “significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca”. Esse é também o momento de descobertas, de interpretações, de analisar o não dito, de fazer com que as falas dialoguem entre si e com os personagens envolvidos neste processo de desnudamento dos conhecimentos por eles transmitidos.

Essas possibilidades apontaram para a análise de conteúdo (AC), por ser entendida por Bardin (2009, p. 11), como um conjunto de instrumentos metodológicos em “[...] constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ diversificados”. E por oscilar entre o rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade, e por atrair o investigador pelo escondido, “o latente, o não aparente,

o potencial de inédito [], redito por qualquer mensagem”. Gomes (1994, p. 74) em consonância com Bardin, explica que uma das funções da AC é a “[...] descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado”,

[...] sendo uma técnica utilizada para estudar material do tipo qualitativo, servindo para compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características [] e extrair os momentos mais importantes. Portanto, deve basear-se em teorias relevantes que sirvam de marco de explicação para as descobertas do pesquisador. (RICHARDSON et al., 2000, p. 224).

A análise de conteúdo é organizada em três fases: a) **pré-análise** onde é feita uma leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação de hipóteses e dos objetivos, a referenciação dos índices, a elaboração dos indicadores e a preparação do material; b) a **exploração do material** que consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas; e o c) **tratamento dos resultados, inferência e interpretação** que visa propor inferências e adiantar interpretações a fim de atingir os objetivos previstos. (BARDIN, 2009).

Nos apropriamos da interpretação feita por Gomes (1994) das três fases da AC de Bardin para retratar nosso trabalho. Primeiramente, organizamos o material a ser analisado com as questões de estudo, definimos as unidades de contexto correspondentes às frases que continham as unidades de registro (palavras), trechos significativos e categorias. De acordo com Bardin (2009, p 199), a análise por categorias é uma das técnicas da análise de conteúdo mais antiga e na prática mais utilizada. “Funciona por operação de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”. Para concluir essa primeira fase, foi necessário ler o “[...] material no sentido de tomarmos contato com sua estrutura, descobrirmos orientações para a análise e registrarmos impressões sobre a mensagem” (GOMES, 1994, p. 75). Na segunda fase, aplicamos o que foi definido na fase anterior. Como última etapa tentamos “desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto”.

Como já percebemos, as categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesta pesquisa, elas indicam a construção do *tesouro de conhecimentos* da CSC. Por isso, a partir dos dados que obtivemos, criamos três categorias temáticas com base no roteiro de entrevista:

- a) **Surgimento e Desenvolvimento da Comunidade Santa Clara:** trata da forma como surgiu a Comunidade segundo dados dos moradores mais antigos, uma vez que não há registros oficiais a respeito. Além de nos apoiarmos nas entrevistas dos desbravadores da CSC, encontramos nas falas dos moradores mais novos, indícios do processo de desenvolvimento da CSC.
- b) **Socialização do Conhecimento:** aborda a temática em torno de como as fontes de informação (sujeitos da pesquisa/moradores da CSC) passam seus conhecimentos para os demais moradores. Independentemente da idade e experiência dos entrevistados, cada um atua dentro da Comunidade transformando o que já aprenderam em informação a ser passada para quem deseja adquirir conhecimento.
- c) **Acesso à Informação:** mostra de que maneira os moradores se informam e quais os canais de comunicação mais utilizados por eles.

Com estas categorias procuramos conectar o referencial teórico com os objetivos propostos, para assim verificar o ambiente informacional, onde se deu nossa pesquisa com intuito de incluir a Comunidade Santa Clara na sociedade da informação registrando no ciberespaço o *tesouro de conhecimentos* dos moradores para as futuras gerações e para a sociedade em geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à Comunidade, com um modelo de ação de informação, realizamos o trabalho proposto com a produção de uma interface virtual para inclusão da CSC na sociedade da informação. A apropriação dos resultados da pesquisa (o *blog*) pela Comunidade gerou um projeto de extensão específico no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, cuja finalidade foi desenvolver competências em informação para os moradores voluntários da Comunidade. O trabalho na Santa Clara foi acrescido, por vontade da própria Comunidade em ação recíproca, ou seja, em pesquisa-ação, do desejo de gerenciar o artefato de informação (o sítio virtual). Para treinamento dos voluntários, disseminadores da tecnologia do *blog* foi desenvolvido um tutorial em parceria com o Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LTI do PPGCI/UEPB.

Após o Curso Gerenciamento de *Blogs*, os moradores se tornaram os disseminadores informacionais da CSC ajudando a construir a identidade social da Comunidade, bem como uma identidade virtual criada sobre a reflexão do saber propagado pelo *tesouro de conhecimentos*. O que pode trazer uma série de benefícios para a CSC, desde o surgimento ou aumento da autoestima de cada cidadão, até investimentos de entidades sociais beneficentes, do governo e da população em geral, uma vez que o conhecimento desses moradores deixou de ser tácito para se tornar explícito, no ciberespaço e na vida de cada participante envolvido nesse processo. Por meio destas ações, acreditamos ter transmitido tecnologia intelectual para algumas pessoas da Comunidade, dotando-as de competências em informação para perpetuar o registro da memória social.

Nesta perspectiva, refletimos que a tecnologia deve ir além de trazer benefícios para quem a conhece. Ela deve como enfatiza Guerreiro (2006), resultar da observação sobre as necessidades coletivas, traduzidas pelo conjunto de ferramentas desenvolvidas e inventadas com fins práticos para solucionar um

determinado problema de ordem social. A capacidade de uma nova tecnologia mudar a trajetória de desenvolvimento é peculiar à sua condição histórico-social, inserida em um contexto de múltiplas funções na vida da sociedade. Independentemente do segmento social em que está inserida, a tecnologia é capaz de reorientar a civilização para caminhos de maior ou menor complexidade, em dimensões tanto no âmbito local como no global.

O *blog* foi o instrumento da virtualização da Comunidade e pode ser uma variável importante na consciência do valor da informação (a que se consome e a que se produz). Um meio de usar as tecnologias digitais para comunicação da informação — seja como instrumento para projetar a identidade cultural (FREIRE, 2006) ou para a comunidade se fazer ouvir nas instâncias do poder político. Um modelo de ação de mediação da informação como estratégia de inclusão de comunidades populares urbanas na sociedade em rede.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRETO, A. de A. A oferta e a demanda da informação: condições técnicas, econômicas e políticas, **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 2, 1999.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, I. M. Janelas da cultura local: abrindo oportunidades para inclusão digital de comunidades. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. p. 227-235, set./dez. 2006.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 67-80.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**, v. 1, n. 1, p. 57-93, abr. 1999.

GUERREIRO, E. P. **Cidade digital**: infoinclusão social e tecnológica em rede. São Paulo: SENAC, 2006.

LIMA, J. A. O. de. Pesquisa-ação em Ciência da Informação. In: MUELLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 63-82.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RICHARDSON, R. J.; COLABORADORES. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIEIRA, D. de A. **Sociedades virtuais**: discutindo a sociologia do Ciberespaço. 2005. 129f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.